

economia



Editora: Fernanda Crancio
economia@jornaldocomercio.com.br

Protesto marca abertura da Expodireto Cotrijal

Produtores gaúchos pedem securitização de dívidas e criticam cobranças de royalties na produção de soja

Claudio Medaglia, de Não-Me-Toque
claudiom@jcrs.com.br

Cruzes pretas e um caixão coberto com a bandeira do Rio Grande do Sul marcaram o protesto de produtores rurais no primeiro dia da Expodireto Cotrijal, iniciada ontem, em Não-Me-Toque. A manifestação percorreu o parque da feira com críticas à situação financeira no campo e reivindicações dirigidas ao governo federal, ao sistema financeiro e a empresas de biotecnologia.

Organizado pelo Movimento Luto Pelo Agro e pela Associação dos Produtores e Empresários Rurais (Aper), o ato teve início por volta das 8h, do lado de fora do complexo da feira. Produtores caminharam por estandes de instituições financeiras e empresas do setor, onde entregaram um documento com críticas e propostas relacionadas ao crédito rural e ao endividamento das propriedades.

Ao microfone, a produtora Luciane de Lima, de Nicolau Vergueiro, relatou as dificuldades enfrentadas nas propriedades e afirmou que muitos agricultores perderam capacidade de investimento após sucessivas perdas de

safra e dificuldades de acesso ao crédito. Segundo ela, produtores enfrentaram cinco quebras de safra nos últimos seis anos, o que teria provocado descapitalização em diversas regiões do Estado.

A principal reivindicação do movimento é a securitização das dívidas rurais, proposta que tramita no Congresso Nacional e que prevê a conversão de débitos do setor em títulos de longo prazo. Os produtores afirmam que a medida seria necessária para recompor o fluxo financeiro das propriedades após anos de adversidades climáticas.

Outro ponto levantado pelos manifestantes diz respeito à cobrança de royalties sobre tecnologias utilizadas na produção de soja. Produtores argumentam que parte dessas cobranças seria desproporcional ou indevida, especialmente em casos de patentes consideradas expiradas. Também criticam a chamada “multa na moega”, taxa de 7,5% aplicada sobre a produção no momento da comercialização.

Em nota, o presidente da Aper, Eugênio Zanetti, afirmou que a entidade pretende questionar judicialmente a cobrança de royalties. “Não podemos aceitar

que agricultores familiares sejam penalizados por cobranças abusivas enquanto grandes empresas lucram de forma desproporcional. Nossa luta é para garantir que a inovação tecnológica sirva ao campo, e não se torne instrumento de exploração”, declarou.

Procurada pelos manifestantes durante a feira, a Bayer afirmou, em nota, que recebeu as demandas e destacou a importância da inovação tecnológica para o aumento da produtividade agrícola. A empresa ressaltou que tecnologias como a Intacta RR2 Pro contribuíram para a evolução da produção de soja no país.

Segundo a companhia, o Rio Grande do Sul produzia 12,9 milhões de toneladas de soja há cerca de 12 anos e atualmente supera 20 milhões de toneladas, conforme projeções da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A empresa também defendeu que a proteção de patentes é um instrumento essencial para garantir segurança jurídica e estimular investimentos em pesquisa.

As reivindicações apresentadas pelos produtores também foram mencionadas durante a solenidade de abertura da feira. O presidente da Expodireto, Nei Cé-



Cenário de velório marcou a manifestação no parque em Não-Me-Toque

sar Manica, manifestou apoio às preocupações do setor e destacou a importância de medidas que garantam sustentabilidade econômica às propriedades rurais.

Destacado para falar em nome da Câmara dos Deputados, o deputado federal Luciano Zucco (PL), pré-candidato ao governo do Estado, afirmou que pretende levar o debate sobre securitização ao Congresso Nacional e criticou o que considera desequilíbrio nas relações econômicas entre produtores e empresas de tecnologia. Segundo ele, agricultores enfrentam dificul-

dades para manter investimentos diante do aumento dos custos de produção.

Representando o Executivo estadual, o vice-governador e também pré-candidato Gabriel Souza defendeu a busca de alternativas para apoiar financeiramente o setor e sugeriu o uso de recursos vinculados ao fundo do pré-sal para auxiliar na recomposição das dívidas rurais. Ele também destacou a importância de diálogo entre governo federal e produtores para enfrentar a situação financeira no campo.

Principais pautas do milho são destaque no primeiro dia da feira

Ana Esteves, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

As principais pautas da cultura do milho foram destaque ontem no 17º Fórum do Milho, na Expodireto. Temas como estratégias para incrementar a competitividade, a aplicação de novas tecnologias a campo e saídas para aumentar a produtividade e a resistência à estiação estiveram entre os destaques. A apreensão do setor frente à possibilidade de uma guerra no Irã afetar as exportações do cereal, para

aquela região do Oriente Médio, foi o tema da palestra do analista da Cargill, Heverton Gugelmin.

“Quase 50% da quantidade de milho que o Brasil exporta vai para aquela região, então a duração do conflito pode impactar nos preços do cereal e dos fertilizantes, o que pode refletir nos nossos custos de produção”, informa o difusor técnico da Cotrijal, Fernando Cirolini. O fato de ser um conflito recente não permite que os especialistas mensurem possíveis perdas, mas já apontam reflexos nos embarques,

com o desvio de navios graneleiros para o Egito. Caso a guerra se prolongue, a saída seria, conforme Cirolini, buscar novos mercados para o milho brasileiro, que ainda permanecem indefinidos.

A possibilidade de incrementar a produtividade, em média, em 115 sacos do cereal por hectare utilizando técnicas de irrigação, foi o foco da palestra Irrigação: segurança produtiva e sustentabilidade na propriedade rural, do engenheiro agrônomo da Cotrijal, da Unidade de Tio Hugo, André Vini-

cio Scharlau. “Essa e outras vantagens de irrigar como produzir com segurança e estabilidade, diante de estiagens, com maior cobertura do seguro agrícola e eficiência no uso de insumos”, afirma Scharlau. O especialista diz que se trata de uma ferramenta que o produtor pode utilizar, tendo condições financeiras, em função dos custos, tendo área disponível e disponibilidade de água, pois terá previsibilidade de colheita. O engenheiro agrônomo e entomologista da CCGL, Glauber Stürmer falou sobre

o problema do controle de pragas e doenças nas lavouras com a palestra Velhos insetos, Novos desafios. A batalha mais preocupante do momento, segundo o especialista, é contra a Espodoptera, a Lagarta do cartucho milho. “Vislumbramos um aumento desse inseto, pois as biotecnologias presentes no milho não estão sendo mais efetivas.” A solução é promover novo protocolo de manejo, seja com insumos convencionais, ou bioinsumos, para evitar as perdas que podem chegar a 20%.



Quem trabalha na indústria, comércio ou serviços, ou ainda preparando aquele cafezinho com leite, também faz parte do ciclo do agro.

É por isso que o Senar existe, para apoiar o agronegócio com Assistência Técnica e Gerencial, Formação Profissional Rural e Promoção Social às famílias rurais, contribuindo para sustentar toda a cadeia produtiva. Porque quando o agro vai bem, a vida anda melhor.



senar-rs.com.br
senarriograndadosul

senar_rs
senarrrs